

A VOLTA  
AO MUNDO EM  
OITENTA DIAS



**EU  
LEIO**



**A volta ao mundo em oitenta dias**  
**Júlio Verne**



Tradução

**Heloisa Jahn**

Apresentação e apêndice

**Geraldo Galvão Ferraz**

**TEXTO  
INTEGRAL**

**ea**  
editora ática

Esta edição possui o mesmo texto ficcional das edições anteriores.

Título original: *Le tour du monde em quatre-vingts jours*  
Título da edição brasileira: *A volta ao mundo em oitenta dias*

**DIREÇÃO PRESIDÊNCIA** Mario Ghio Júnior

**DIREÇÃO DE CONTEÚDO E OPERAÇÕES** Wilson Troque

**GERÊNCIA EDITORIAL** Cintia Sulzer

**COORDENAÇÃO EDITORIAL** Fabio Weintraub

**EDIÇÃO** Laura Vecchioli

**PLANEJAMENTO E CONTROLE DE PRODUÇÃO** Patrícia Eiras e Adjane Queiroz

**REVISÃO** Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.),

Leticia Pieroni (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Maria Herrera,

Brenda T. M. Morais, Claudia Virgilio, Luiz Gustavo Bazana, Paula T. de Jesus,

Sandra Fernandez; Amanda T. Silva e Bárbara de M. Genereze (estagiárias)

**COORDENAÇÃO COMERCIAL** Carolina Tresolavy

**PROJETO GRÁFICO** Ludo Design

**CAPA E ILUSTRAÇÕES** Caio Beltrão

**EDIÇÃO DE ARTE** Daniela Amaral (ger.), Erika Tiemi Yamauchi (coord.),

Nathalia Laia e Renato Akira dos Santos (assist.)

**DIAGRAMAÇÃO** Nathalia Laia

**ICONOGRAFIA E TRATAMENTO DE IMAGEM** Sílvio Kligin (superv.), Cesar Wolf  
e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

**SUPLEMENTO DE LEITURA** Laura Vecchioli

=====

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

=====

Verne, Jules, 1828-1905

A volta ao mundo em 80 dias / Júlio Verne ; capa e  
ilustração Caio Beltrão ; tradução Heloisa Jahn. - 6. ed. -  
São Paulo : Ática, 2019.  
il. - (Eu leio).

Tradução de: *Le tour du monde em quatre-vingts jours*  
ISBN: 978-85-08-19360-8

I. Ficção francesa. I. Beltrão, Caio. (ilustrador).  
II. Jahn, Heloisa (tradutor). III. Título. IV. Série.

2019-0260

CDD: 843

=====

Julia do Nascimento – Bibliotecária – CRB-8/010142

ISBN 978-85-08-19360-8

CL 742360

CAE 659815

2019

6ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061

[www.coletivoleitor.com.br](http://www.coletivoleitor.com.br)

[atendimento@aticascipione.com.br](mailto:atendimento@aticascipione.com.br)

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encaixa os livros que você compra.



# SUMÁRIO

## Apresentação 9

- I No qual Phileas Fogg e Passepartout aceitam-se reciprocamente, um como patrão, outro como empregado **13**
- II No qual Passepartout está convencido de que finalmente encontrou seu ideal **19**
- III No qual se trava uma conversa que poderá custar caro a Phileas Fogg **24**
- IV No qual Phileas Fogg assombra Passepartout, seu criado **33**
- V No qual novas ações são lançadas na praça de Londres **37**
- VI No qual o policial Fix manifesta uma impaciência muito legítima **41**
- VII Que uma vez mais comprova a inutilidade dos passaportes em se tratando da polícia **46**
- VIII No qual Passepartout talvez fale um pouco mais do que seria aconselhável **49**
- IX No qual o mar Vermelho e o mar das Índias mostram-se propícios aos desígnios de Phileas Fogg **54**
- X No qual Passepartout fica exultante por ter-se safado perdendo os sapatos **60**
- XI No qual Phileas Fogg compra uma montaria a um preço fabuloso **66**
- XII No qual Phileas Fogg e seus companheiros se aventuram pelas florestas da Índia, e o que acontece depois **76**

- XIII No qual Passepartout prova uma vez  
mais que a fortuna sorri aos audaciosos **83**
- XIV No qual Phileas Fogg desce todo o admirável  
vale do Ganges sem que sequer lhe passe  
pela cabeça a ideia de vê-lo **90**
- XV No qual a bolsa com as cédulas bancárias  
é aliviada em mais alguns milhares de libras **97**
- XVI No qual Fix dá a impressão de ignorar  
por completo as coisas de que lhe falam **104**
- XVII No qual se trata de uma coisa e outra durante  
a travessia de Cingapura para Hong Kong **110**
- XVIII No qual Phileas Fogg, Passepartout e Fix,  
cada qual pelo seu lado, cuidam da própria vida **117**
- XIX No qual Passepartout adquire um interesse  
excessivo por seu amo, e o que disso decorre **122**
- XX No qual Fix entra diretamente  
em contato com Phileas Fogg **130**
- XXI No qual o patrão do *Tankadère* corre sério risco  
de perder uma gratificação de duzentas libras **137**
- XXII No qual Passepartout constata claramente que,  
mesmo nos antípodas, convém andar  
com algum dinheiro no bolso **146**
- XXIII No qual o nariz de Passepartout  
encomprida, encomprida, encomprida **153**
- XXIV Durante o qual se realiza a  
travessia do oceano Pacífico **160**
- XXV No qual se descreve por alto a cidade de  
San Francisco num dia de manifestação **168**
- XXVI No qual se toma o trem expresso  
da Ferrovia do Pacífico **175**

- XXVII No qual Passepartout acompanha,  
a uma velocidade de 32 quilômetros por hora,  
um curso de história mórmom **181**
- XXVIII No qual Passepartout não conseguiu  
atingir o objetivo de fazer ouvir a voz da razão **188**
- XXIX No qual se fará o relato de incidentes diversos  
que só podem verificar-se nas ferrovias da União **197**
- XXX No qual Phileas Fogg se limita a cumprir seu dever **205**
- XXXI No qual o inspetor Fix leva os interesses  
de Phileas Fogg extremamente a sério **213**
- XXXII No qual Phileas Fogg trava um  
combate frontal com a má sorte **220**
- XXXIII No qual Phileas Fogg se mostra  
à altura das circunstâncias **226**
- XXXIV Que oferece a Passepartout a oportunidade de  
fazer um jogo de palavras atroz, mas quiçá inédito **235**
- XXXV No qual Passepartout não precisa ouvir  
duas vezes a ordem que seu amo lhe dá **239**
- XXXVI No qual Phileas Fogg mais uma  
vez esquenta o mercado **245**
- XXXVII No qual fica provado que Phileas Fogg nada  
lucrou fazendo a volta ao  
mundo, exceto a felicidade **249**

**Júlio Verne:**  
um escritor de vários mundos **253**

**Bibliografia 265**



# A VOLTA AO MUNDO EM OITENTA DIAS

Júlio Verne escreveu muitos livros de sucesso, de *Viagem ao centro da Terra* a *Vinte mil léguas submarinas*. Porém, *A volta ao mundo em oitenta dias* foi, de todos, o que mais vendeu e teve maior repercussão. O livro nasceu, como muitos marcos da literatura mundial, de um bolso vazio. Júlio Verne, que ganhara fortunas com seus livros, estava com 44 anos e sem dinheiro. A França acabara de sair de uma desastrosa guerra com a Prússia e o editor de Verne, Hetzel, também estava arruinado.

Ele abandonou a literatura e passou a viver do trabalho de corretor na Bolsa de Paris, o que detestava. Certo dia, passeando no Boulevard des Italiens, Verne viu um cartaz na agência inglesa de turismo Thomas Cook and Son. Mostrava um cidadão britânico típico, de boné, sobretudo quadriculado e uma maleta na mão, tendo um guarda-chuva na outra. O cartaz mais alguns folhetos que conseguiu na agência incendiaram-lhe a imaginação, pois ali se dizia que era possível viajar com muito mais rapidez, devido à inauguração da estrada de ferro Union Pacific, que atravessava os Estados Unidos, e à abertura do canal de Suez.

Sentado no Café Tortoni, Verne teve seus primeiros pensamentos sobre o que seria *A volta ao mundo*. Juntando com a lembrança de um médico americano que fora seu vizinho em Amiens e que tinha mania de pontualidade, modelo para o viajante Phileas Fogg do livro, escreveu sua história



do inglês excêntrico que apostou com os membros do Reform Club como daria a volta ao mundo em oitenta dias. É um dos romances mais movimentados de Verne, com cenários múltiplos e um elenco de personagens inesquecíveis, como o criado Passepartout, o detetive Fix e a princesa indiana Aouda. Aventura em estado puro, acontece muita coisa em suas páginas, o que disfarça a mania didática do escritor, com longas descrições que às vezes atrapalham a ação nos outros livros.

*A volta ao mundo* foi publicado inicialmente em capítulos no jornal *Le Temps*. Os correspondentes em Paris dos grandes jornais londrinos, berlinenses e americanos mandavam, por telegrama, os progressos da viagem de Phileas Fogg. O mesmo acontecia aqui no Brasil. O enorme sucesso fez o livro ser traduzido para 52 línguas, o maior *best-seller* de sua época. É curioso que nele haja um erro factual que não é comum em Verne, escritor cuidadoso ao extremo com o que relatava. É estranho alguém tão minucioso como Fogg não perceber o ganho de 24 horas na sua viagem. Ele nunca notara que, ao se julgar de manhã, estava em pleno meio-dia ou de noite? E a diferença flagrante entre um dia de semana e o domingo – o dia em que ele chega a Londres – é esquecida por Verne, mas um inglês jamais deixaria passar o fato de a Londres vitoriana estar com as ruas vazias e as diversões em ritmo sonolento. De qualquer forma, o livro foi um estouro de vendas, Verne ficou rico outra vez (seu editor também), a ponto de mandar construir um iate, onde pôde viver um clima de aventuras pela primeira vez na sua vida.

Em 1956, o produtor Mike Todd filmou o romance de Júlio Verne, com direção de Michael Anderson. Com David Niven como Fogg, Cantinflas (o cômico mexicano) como Passepartout e Shirley MaClaine como Aouda, o filme se tornou um clássico do cinema de entretenimento, sendo bastante fiel ao livro. Ganhou cinco Oscars e está disponível em vídeo no Brasil.

**Geraldo Galvão Ferraz**

**A VOLTA**  
**AO MUNDO EM**  
**OITENTA DIAS**





## NO QUAL PHILEAS FOGG E PASSEPARTOUT ACEITAM-SE RECIPROCAMENTE, UM COMO PATRÃO, OUTRO COMO EMPREGADO



No ano de 1872, a casa que ostentava o número 7 da Saville Row, Burlington Gardens — casa onde Sheridan morreu em 1814 —, era habitada por Phileas Fogg, *esq.*<sup>1</sup>, um dos membros mais singulares e mais em evidência do Reform Club de Londres, embora ele parecesse fazer questão de não se fazer notar por suas ações.

A um dos maiores oradores que honram a Inglaterra sucedia, portanto, esse Phileas Fogg, personagem enigmático sobre quem nada se sabia, a não ser que era um homem muito galante e um dos mais belos cavalheiros da alta sociedade inglesa.

Dizia-se dele que lembrava Byron — quanto à cabeça, pois quanto aos pés era irrepreensível —, só que um Byron de bigode e costeletas, um Byron impassível, um Byron que tivesse chegado aos mil anos sem envelhecer.

Britânico sem sombra de dúvida, Phileas Fogg talvez não fosse um londrino. Jamais fora visto na Bolsa, ou no banco, ou em qualquer dos balcões da City<sup>2</sup>. Jamais as docas de Londres acolheram um navio que tivesse Phileas Fogg como armador. Esse cavalheiro não pertencia a conselho administrativo algum. Seu nome jamais ecoara numa corporação de advogados, ou no



1 **Esq.**: abreviação de *esquire* (escudeiro), termo honorífico que precede o sobrenome dos ingleses não detentores de título de nobreza. (N.E.)

2 O centro comercial de Londres. (N.E.)

Temple, ou no Lincoln's Inn, ou no Gray's Inn. Jamais ele defendeu uma causa no Tribunal do Chanceler, ou no Banco da Rainha, ou no Exchequer<sup>3</sup>, ou no Tribunal Eclesiástico. Não era industrial, nem negociante, nem comerciante, nem agricultor. Não fazia parte do Instituto Real da Grã-Bretanha, nem do Instituto de Londres, nem do Instituto dos Artesãos, nem do Instituto Russell, nem do Instituto Literário do Oeste, nem do Instituto do Direito, nem do tal Instituto das Artes e Ciências Reunidas, colocado sob a proteção direta de Sua Graciosa Majestade. Finalmente, não pertencia a nenhuma das numerosas sociedades que pululam na capital da Inglaterra e que vão da Sociedade da Harmônica à Sociedade Entomológica, fundada basicamente com o objetivo de destruir os insetos nocivos.

Phileas Fogg era membro do Reform Club e ponto.

Àqueles que porventura achem estranho um cavalheiro tão misterioso contar-se entre os membros dessa honorável associação, será dito que fora aceito por recomendação dos irmãos srs. Baring, em cujo estabelecimento bancário tinha crédito ilimitado. Disso decorria uma certa "base", visto que seus cheques costumavam ser pagos à vista mediante débito em sua conta corrente, a qual invariavelmente tinha provimento.

Esse Phileas Fogg era rico? Incontestavelmente. Mas a maneira como fizera fortuna, isso nem as pessoas mais bem-informadas tinham condições de esclarecer — e o sr. Fogg era a última pessoa a quem convinha consultar para ficar sabendo. Seja como for, ele não era pródigo em coisa alguma, mas tampouco era avaro, pois em todo lugar onde se fizesse necessária uma contribuição para alguma coisa nobre, útil ou generosa, ele a fornecia silenciosamente, anonimamente até.

Em suma, nada menos comunicativo que aquele cavalheiro. Falava o mínimo possível e parecia ainda mais misterioso pelo fato de ser silencioso. Sua vida, porém, era um livro aberto, só que as coisas que ele fazia eram tão matematicamente sempre as mesmas que a imaginação, insatisfeita, ia atrás de mais.

Era viajado? Provável, pois ninguém melhor que ele dominava o mapa-múndi. Não havia lugar, por mais recôndito que fosse, do qual



3 Ministério do Tesouro inglês. (N.E.)



ele não parecesse ter um conhecimento específico. Às vezes, em poucas palavras, breves e claras, ele retificava as mil hipóteses que circulavam no clube acerca dos viajantes desaparecidos ou perdidos; apontava as probabilidades corretas — e suas palavras frequentemente pareciam inspiradas por uma espécie de clarividência, tanto acabavam sempre sendo justificadas pelos fatos. Era um homem que devia ter viajado por toda parte — nem que fosse em espírito.

Uma coisa, porém, era certa: longos anos já se haviam passado sem que Phileas Fogg se afastasse de Londres. Aqueles que tinham a honra de conhecê-lo um pouco melhor asseveravam que ninguém poderia afirmar tê-lo visto uma vez que fosse em qualquer outro lugar que não Londres — e isso apenas no trajeto em linha reta que ele costumava percorrer diariamente para ir de sua casa ao clube. Seu único passatempo era ler os jornais e jogar uíste. Nesse jogo do silêncio, tão conforme sua natureza, era frequente ele ganhar, só que os ganhos assim obtidos jamais iam recheá-lo a bolsa, tendo, em vez disso, participação importante nos recursos que ele destinava à caridade. Aliás, é preciso deixar claro que o sr. Fogg jogava, evidentemente, pelo jogo, não para ganhar. O jogo para ele era um combate, uma luta contra uma dificuldade, mas uma luta sem movimento, sem deslocamento, sem fadiga, e isso combinava com sua personalidade.

Não se sabia de esposa ou filhos na vida de Phileas Fogg — o que por vezes acontece com as pessoas mais honestas —, e tampouco de parentes ou amigos —, o que, para falar a verdade, é mais raro. Phileas Fogg vivia sozinho em sua casa da Saville Row, onde ninguém jamais entrava. Não se conheciam depoimentos sobre o interior de seu lar. Um único empregado bastava para servi-lo. Almoçando e jantando no clube em horas cronometricamente determinadas, na mesma sala, na mesma mesa, não recebendo colegas, não convidando desconhecidos, só voltava para casa para dormir, exatamente à meia-noite, sem jamais utilizar os quartos confortáveis que o Reform Club coloca à disposição dos membros da confraria. Das vinte e quatro horas, dez ele passava em seu domicílio, dormindo ou cuidando de sua toailete. Quando dava um passeio, fazia-o, invariavelmente, num passo

regular, no vestíbulo de parquet em marchetaria ou na galeria circular guarnecida por um domo de vitrais azuis apoiado sobre vinte colunas jônicas em pórfiro vermelho. Sempre que jantava ou almoçava, eram as cozinhas, a despensa, a copa, a peixaria, a leiteria do clube que lhe supriam a mesa com suas suculentas reservas; eram os empregados do clube, severos personagens de terno negro calçados com sapatos de sola de pano, que o serviam numa baixela especial e sobre uma admirável toalha de tecido da Saxônia; seu xerez, seu vinho do Porto e seu clarete perfumado com canela, capilária e cinamomo se acomodavam nos cristais *à moule perdue* do clube; finalmente, era o gelo do clube — gelo trazido a um custo elevado dos lagos da América — que mantinha suas bebidas num estado satisfatório de frescor.

Se viver nessas condições é ser excêntrico, há que admitir que a excentricidade tem suas vantagens!

A casa da Saville Row, sem ser suntuosa, recomendava-se por um extremo conforto. Aliás, com os hábitos invariáveis do locatário, pouco havia a fazer na casa. Isso não impedia Phileas Fogg de exigir de seu único empregado uma pontualidade e uma regularidade extraordinárias. Naquele mesmo dia, 2 de outubro, Phileas Fogg dera o bilhete azul a James Forster — tendo o rapaz incorrido na falta de trazer-lhe para a barba água a vinte e nove graus e não a trinta e sete —, e estava à espera do substituto, que deveria apresentar-se entre onze horas e onze e meia.

Phileas Fogg, bem instalado em sua poltrona, com os dois pés juntos como os de um soldado no desfile militar, mãos apoiadas nos joelhos, corpo ereto, cabeça alta, observava o avanço do ponteiro do relógio de parede — complicado aparelho que indicava as horas, os minutos, os segundos, os dias da semana e do mês e o ano. Pontualmente às onze e meia o sr. Fogg deveria, como era seu costume cotidiano, deixar a casa e dirigir-se ao Reform Club.

Naquele instante bateram à porta da pequena sala de estar onde se encontrava Phileas Fogg.

James Forster, o despedido, apareceu à porta.

— O novo empregado — anunciou.

Um rapaz de aproximadamente trinta anos de idade se adiantou e cumprimentou.

— O senhor é francês e chama-se John? — perguntou Phileas Fogg.

— Jean, se o senhor me permite — respondeu o recém-chegado. — Jean Passepartout<sup>4</sup>, um apelido que me ficou e que me deram devido a meu talento natural para resolver problemas. Acredito ser um rapaz honesto, senhor, mas para ser sincero já tive diversas ocupações. Já fui cantor ambulante; picador num circo, fazendo acrobacias como Léotard e dançando na corda bamba como Blondin; depois, com o objetivo de tornar meus talentos mais úteis, fui professor de ginástica e, por último, sargento do corpo de bombeiros em Paris. Meu currículo inclui mesmo alguns incêndios notáveis. Mas saí da França já há cinco anos; desde então, desejoso de desfrutar a vida em família, sou empregado doméstico na Inglaterra. Ora, estando sem emprego e tendo sabido que o sr. Phileas Fogg era o homem mais metuculoso e sedentário do Reino Unido, apresentei-me em sua casa com a esperança de nela viver tranquilo e esquecer até mesmo o nome “Passepartout”.

— Para mim, Passepartout está bem — respondeu o cavalheiro. — O senhor me foi recomendado. Tenho boas referências a seu respeito. O senhor está a par de minhas condições?

— Estou, senhor.

— Ótimo. Que horas o senhor tem?

— Onze e vinte e dois — respondeu Passepartout, retirando das profundezas da algibeira um enorme relógio de prata.

— Atrasado — disse o sr. Fogg.

— O senhor me desculpe, mas isso é impossível.

— Quatro minutos de atraso. Não faz mal. Basta constatar a diferença. Ou seja, a partir deste momento, onze e vinte e nove da manhã desta quarta-feira, 2 de outubro de 1872, o senhor está contratado.

Dito isso, Phileas Fogg se levantou, pegou o chapéu com a mão esquerda, colocou-o sobre a cabeça com um gesto de autômato e desapareceu sem acrescentar uma só palavra.

Passepartout ouviu a porta da rua fechar-se uma primeira vez: era seu novo amo que saía; depois uma segunda vez: era seu predecessor, James Forster, que por sua vez se retirava.

Passepartout ficou só na casa da Saville Row.

 4 **Passe-partout**: chave que serve para abrir muitas fechaduras. Figuradamente, corresponde à expressão “dos sete instrumentos”. (N.E.)



## NO QUAL PASSEPARTOUT ESTÁ CONVENCIDO DE QUE FINALMENTE ENCONTROU SEU IDEAL



— Palavra de honra — disse Passepartout consigo mesmo, um tanto atordoado —, no museu de Madame Tussaud<sup>5</sup> conheci uns homenzinhos mais vivos que meu novo patrão!

É o caso de dizer-se que os “homenzinhos” de Madame Tussaud são personagens de cera muito visitados em Londres aos quais, na realidade, só falta falar.

Durante os escassos instantes em que pudera vislumbrar Phileas Fogg, Passepartout havia examinado, rápida mas meticulosamente, o futuro patrão. Este era um homem de uns quarenta anos, de nobre e bela aparência, alto, nem um pouco prejudicado por uma leve corpulência, costeletas e cabelos louros, fronte lisa, sem sinais de rugas nas têmporas, tez mais para pálida que para corada, dentes magníficos. Parecia possuir uma dose extremamente elevada daquilo que os fisionomistas denominam “repouso na ação”, faculdade comum a todos aqueles que mais realizam que apregoam. Calmo, fleumático, olhar límpido, pálpebras imóveis, era o tipo acabado desses ingleses de sangue frio muito frequentemente encontrados no Reino Unido e cuja atitude um tanto acadêmica Angelica Kauffmann fixou maravilhosamente com seu pincel. Considerado nas diversas atividades de sua



5 Famoso museu de cera londrino. (N.E.)

existência, esse cavalheiro transmitia a ideia de ser um indivíduo bem equilibrado em todos os seus componentes, justamente ponderado, tão perfeito quanto um cronômetro de Leroy ou Earnshaw. É que efetivamente Phileas Fogg era a exatidão personificada, fato bem visível na “expressão de seus pés e suas mãos”, pois no homem, como nos animais, mesmo os membros são órgãos que exprimem as paixões.

Phileas Fogg era uma dessas pessoas matematicamente exatas que, jamais apressadas e sempre a postos, mostraram-se econômicas em passos e movimentos. Ele não dava uma passada além da conta, tomando invariavelmente o caminho mais curto. Não desperdiçava um olhar para o teto. Não se permitia um único gesto supérfluo. Jamais fora visto comovido ou alterado. Era o homem menos precipitado do mundo, mas sempre chegava na hora. Ao mesmo tempo, é compreensível que vivesse só e, por assim dizer, alijado de qualquer relação social. Ele sabia que na vida é preciso fazer contatos, mas, visto que os contatos tomam tempo, não fazia contato com ninguém.

Quanto a Jean, conhecido como Passepartout, verdadeiro parisiense de Paris, estava na Inglaterra havia cinco anos, exercendo em Londres o ofício de empregado doméstico e procurando inutilmente um patrão a quem pudesse afeiçoar-se.

Passepartout não era um desses Frontins ou Mascarilles que, de ombros bem levantados, nariz empinado, expressão autossuficiente, olhos duros, não passam de descarados malandros. Não. Passepartout era um bravo rapaz, de fisionomia amável, lábios um tanto protuberantes sempre prontos a saborear ou acariciar, um ser suave e prestativo equipado com uma dessas boas cabeças redondas que a gente gosta de ver sobre os ombros de um amigo. Tinha olhos azuis, tez viva, semblante suficientemente gorducho para que ele mesmo tivesse condições de ver as maçãs de seu rosto, peito largo, cintura reforçada, musculatura vigorosa; possuía uma força hercúlea que os exercícios de sua juventude haviam desenvolvido admiravelmente. Seus cabelos castanhos eram um tanto desordenados. Se os escultores da Antiguidade conheciam dezoito maneiras de dispor a cabeleira de Minerva,

Passepartout só conhecia uma para ajeitar a sua: passava o pente três vezes e só.

Dizer se a personalidade expansiva daquele moço ia ou não combinar com a de Phileas Fogg é coisa que a mais elementar das prudências não permite que se faça. Passepartout seria o criado essencialmente metucioso que convinha àquele amo? Só experimentando para ver. Depois de ter tido, como sabemos, uma juventude bastante errante, ele aspirava ao repouso. Tendo ouvido gabar o procedimento metódico dos ingleses e a frieza proverbial dos cavalheiros, foi tentar a sorte na Inglaterra. Até aquele momento, porém, a sorte lhe fora madrasta. Não conseguira criar raízes em parte alguma. Já passara por dez casas. Em todas elas encontrara gente extravagante, instável, aventureira ou viajante — o que não correspondia ao que Passepartout estava procurando. Seu último amo, o jovem Lord Longsferry, membro do Parlamento, depois de passar suas noites no bar de ostras do Hay Market, muito frequentemente voltava para casa carregado pelos policiais. Passepartout, que antes de mais nada queria poder sentir respeito por seu patrão, permitiu-se algumas observações respeitadas que foram mal recebidas e demitiu-se. Entremettes, ficou sabendo que Phileas Fogg, *esq.*, andava atrás de um empregado. Procurou informar-se sobre esse cavalheiro. Um personagem de existência tão regular, que não dormia fora de casa, que não viajava, que jamais se ausentava nem por um dia sequer, só podia convir-lhe. Apresentou-se e foi contratado nas circunstâncias já mencionadas.

Portanto — o relógio já dera onze e meia —, Passepartout encontrava-se sozinho na casa da Saville Row. Sem demora, deu início à inspeção do lugar. Percorreu a casa inteira, do porão ao sótão. Aquela casa limpa, arrumada, severa, puritana, bem organizada do ponto de vista do serviço, agradou-lhe. A impressão que ele teve foi de que aquela era uma bela concha de caracol, só que uma concha iluminada e aquecida a gás, pois nela o hidrogênio carburado era responsável pelo suprimento de todas as necessidades de luz e calor. Passepartout não teve dificuldades para encontrar o quarto que lhe estava destinado, no segundo andar. Sentiu-se

satisfeito com ele. Havia campainhas elétricas e tubos acústicos colocando-o em comunicação com os aposentos do mezanino e do primeiro andar. Sobre a lareira, um relógio de parede elétrico estava ligado ao relógio de parede do quarto de dormir de Phileas Fogg, com os dois aparelhos batendo no mesmo instante o mesmo segundo.

— Que ótimo! Que ótimo! — pensou Passepartout consigo mesmo.

Observou ainda, em seu quarto, um papel afixado logo acima do relógio. Era a programação das tarefas cotidianas. Continha — das oito da manhã, hora regulamentar em que Phileas Fogg se levantava, às onze e meia, hora em que saía de casa para ir almoçar no Reform Club — todos os detalhes das tarefas a executar, o chá com torradas das oito e vinte e três, a água para a barba das nove e trinta e sete, o penteado das vinte para as dez, etc. Depois, das onze e meia da manhã à meia-noite — hora em que o metódico cavalheiro ia dormir —, tudo estava anotado, previsto, regularizado. Para Passepartout foi uma alegria ponderar aquele programa e registrar no espírito seus diversos componentes.

Quanto ao guarda-roupa do patrão, estava muito bem-arrumado e maravilhosamente equipado. Cada calça, terno ou colete ostentava um número de ordem reproduzido num registro de entrada e saída, onde se indicava a data em que, segundo a estação, aqueles trajes deveriam ser sucessivamente envergados. Para os calçados havia uma regulamentação idêntica.

Em suma, naquela casa da Saville Row — que na época do ilustre mas desgraçado Sheridan devia ser o templo da desordem — havia um mobiliário confortável, prenúncio de uma bela prosperidade. Nada de biblioteca, nada de livros, que nenhuma utilidade teriam para o sr. Fogg, visto que o Reform Club punha duas bibliotecas a sua disposição, uma consagrada às letras, outra ao direito e à política. No quarto de dormir, um cofre de dimensão regular, construído de forma a ficar protegido tanto de incêndios como de gatunos. Nada de armas na casa, nada de utensílios de caça ou guerra. Tudo nela apontava para os mais pacíficos dos hábitos.

Depois de examinar detalhadamente aquela residência, Passepartout esfregou as mãos, seu rosto largo se descontraíu e ele repetiu alegremente:

— Ótimo, ótimo. Exatamente o que eu queria. O sr. Fogg e eu vamos nos entender às mil maravilhas. Um homem caseiro e metódico! Uma autêntica máquina! Ótimo! Acho excelente ser empregado de uma máquina!



## NO QUAL SE TRAVA UMA CONVERSA QUE PODERÁ CUSTAR CARO A PHILEAS FOGG



Phileas Fogg saíra de sua casa da Saville Row às onze e meia e, depois de ter posicionado quinhentas e setenta e cinco vezes o pé direito adiante do pé esquerdo e quinhentas e setenta e seis vezes o pé esquerdo adiante do direito, chegou ao Reform Club, vasto edifício erguido na Pall Mall e cuja construção não terá ficado por menos de três milhões.

Phileas Fogg dirigiu-se de imediato à sala de jantar, cujas nove janelas davam para um belo jardim com árvores já douradas pelo outono. Lá, tomou assento à mesa costumeira, posta a sua espera. Seu almoço incluiu uma entrada, um peixe cozido incrementado com uma *reading sauce* de primeira, um rosbife rubro complementado por cogumelos, um bolo recheado com talos de ruibarbo e groselhas verdes e um pedaço de queijo chester — tudo regado por algumas xícaras de um excelente chá, colhido especialmente para consumo no Reform Club.

Ao meio-dia e quarenta e sete o mencionado cavalheiro ergueu-se da mesa e avançou para o salão, suntuoso aposento adornado com pinturas ricamente emolduradas. Lá, um criado depositou-lhe nas mãos o *Times* não cortado, que Phileas Fogg desdobrou, em elaborada operação, com uma segurança de gestos que denotava grande familiaridade com a difícil empresa. A leitura desse jornal ocupou Phileas Fogg até as três e quarenta e cinco, enquanto a do *Standard* — que ele leu logo em seguida

— estendeu-se até o jantar. Essa refeição teve lugar nas mesmas condições do almoço, com o acréscimo da *Royal British sauce*.

Às vinte para as seis o cavalheiro voltou a adentrar o salão, dedicando-se à leitura do *Morning Chronicle*.

Meia hora mais tarde, diversos membros do Reform Club faziam sua entrada e aproximavam-se da lareira, onde ardia um fogo de hulha. Eram os parceiros habituais do sr. Phileas Fogg, como ele jogadores contumazes de uíste: o engenheiro Andrew Stuart, os banqueiros John Sullivan e Samuel Fallentin, o cervejeiro Thomas Flanagan, Gauthier Ralph, um dos administradores do Bank of England — personagens ricos e estimados, mesmo num clube como aquele, que conta entre seus membros as sumidades da indústria e da finança.

— E então, Ralph — perguntou Thomas Flanagan —, em que pé está aquela história de roubo?

— Para mim — respondeu Andrew Stuart —, o banco perdeu o dinheiro.

— Pois eu discordo — disse Gauthier Ralph. — Acho que o autor do roubo vai ser capturado. Um grupo de policiais, um pessoal muito capaz, viajou para a América e a Europa, para todos os principais portos de embarque e desembarque. O tal senhor vai ter muita dificuldade para escapar.

— Quer dizer que existe uma descrição do ladrão? — perguntou Andrew Stuart.

— Primeiro, não se trata de um ladrão — respondeu muito sério Gauthier Ralph.

— Como não se trata de um ladrão? Um indivíduo que subtrai cinquenta e cinco mil libras em cédulas?!

— Pois não é — respondeu Gauthier Ralph.

— Trata-se de um industrial, então? — disse John Sullivan.

— O *Morning Chronicle* garante que se trata de um cavalheiro.

Quem deu essa resposta não era outro senão Phileas Fogg, cuja cabeça emergia do turbilhão de papel empilhado a seu redor. Ao mesmo tempo, Phileas Fogg dirigiu um cumprimento aos colegas, que lhe devolveram a saudação.

O fato em questão, que os diversos jornais do Reino Unido discutiam ardorosamente, tivera lugar três dias antes, em 29 de setembro. Um maço de cédulas bancárias totalizando a enorme

soma de cinquenta e cinco mil libras fora levado do guichê do caixa principal do Bank of England.

Àqueles que se surpreendiam com a facilidade com que o referido roubo fora cometido, o vice-diretor Gauthier Ralph limitava-se a responder que naquele preciso instante o caixa estava ocupado registrando uma receita de três *shillings*<sup>6</sup> e seis *pence* e que não é possível tomar conta de tudo ao mesmo tempo.

No entanto, convém observar aqui — o que torna o fato mais explicável — que esse admirável estabelecimento, o Bank of England, parece demonstrar extrema preocupação com a dignidade do público. Nada de guardas, nada de inválidos, nada de gradis! O ouro, a prata, as cédulas, tudo fica à mostra e, por assim dizer, à disposição de quem apareça. Imagine o banco comportar-se como se duvidasse da honra de algum passante! Um dos melhores observadores dos hábitos britânicos relata mesmo o que se segue: em uma das salas do banco onde certo dia se encontrava, teve a curiosidade de ver mais de perto um lingote de ouro de sete ou oito libras<sup>7</sup> de peso exposto sobre o guichê do caixa; pegou o lingote, examinou-o, passou-o às mãos do cliente ao lado, que, por sua vez, passou-o às mãos de outro cliente e assim por diante, de modo que o lingote, de mão em mão, foi até o fundo de um corredor escuro, só voltando a ocupar seu lugar meia hora depois, sem que o caixa sequer levantasse a cabeça.

Porém, no dia 29 de setembro não foi bem assim que as coisas se passaram. O maço de cédulas bancárias não reapareceu, e quando o magnífico relógio pousado sobre o *drawing-office* assinalou, às cinco horas, o fechamento da casa, o Bank of England não teve alternativa senão incluir a soma de cinquenta e cinco mil libras em seu registro de perdas e danos.

Tendo-se clara e devidamente constatado o roubo, enviaram-se policiais, “detetives”, escolhidos dentre os mais engenhosos, para os principais portos — de Liverpool, Glasgow, Havre, Suez, Brindisi, Nova York, etc. —, com a promessa, em caso de sucesso, de uma recompensa de duas mil

6 *Shilling* foi a moeda usada pelos ingleses até 1971. A moeda corrente é a libra esterlina, que equivale a 100 *pence*, a menor unidade monetária no Reino Unido. (N.E.)

7 Medida de massa, igual a 0,4536 kg, utilizada no sistema inglês de pesos e medidas. (N.E.)

libras mais cinco por cento da quantia recuperada. Enquanto não chegavam as informações a serem fornecidas pela sindicância iniciada imediatamente, a missão desses inspetores era observar escrupulosamente todos os viajantes que chegassem ou partissem.

Ora, justamente, como dizia o *Morning Chronicle*, havia razões para supor-se que o autor do roubo não pertencia a nenhuma das sociedades de ladrões da Inglaterra. No decorrer daquele dia 29 de setembro um *gentleman* bem-apessoado, de boas maneiras, ar distinto, fora observado andando de cá para lá na sala dos pagamentos, cenário do roubo. A sindicância permitiu uma minuciosa reconstituição das características do mencionado cavalheiro, enviando-se em seguida sua descrição para todos os detetives do Reino Unido e do continente. Graças a isso algumas almas bondosas — entre elas Gauthier Ralph — tinham boas razões para acreditar na captura do ladrão.

Como bem se pode imaginar, o fato estava na ordem do dia em Londres e na Inglaterra inteira. Discutia-se, as pessoas tomavam partido a favor ou contra as probabilidades de sucesso da polícia metropolitana. Em decorrência, não é de estranhar que os membros do Reform Club debatessem a mesma questão, tanto mais que um dos subdiretores do banco se encontrava entre eles.

O honorável Gauthier Ralph não queria ser pessimista em relação ao resultado das investigações, julgando que a recompensa oferecida haveria de aguçar de forma notável o zelo e a inteligência dos policiais. Seu colega Andrew Stuart, porém, estava longe de partilhar sua confiança. Desse modo, a discussão prosseguiu entre os *gentlemen*, instalados em torno de uma mesa de uíste com Stuart à frente de Flanagan e Fallentin à frente de Phileas Fogg. No decorrer do jogo eles não falavam, mas no intervalo entre as rodadas a conversa interrompida prosseguia com grande entusiasmo.

— Para mim — disse Andrew Stuart —, as probabilidades estão mais para o lado do ladrão, que não pode deixar de ser um homem engenhoso!

— Vamos e venhamos! — respondeu Ralph. — Já não há um só país onde esse homem possa refugiar-se!